



O livro que eu quero escrever:

Capítulo 1

Ana Amelia Coelho¹

A chuva tinha começado.

Chuva que se deseja. No telhado ela respingava, as goteiras por ele se espalhavam. Os fios de umidade mais uma vez cresciam pelo teto. O limo do assoalho acordava aquecido pela tarde. As minhocas se encontravam pelos vãos da madeira escura e encharcada, no subsolo dos

valiosos tapetes mofados. Iluminados pelos raios, os vidros da janela eram lavados, seus cacos cortantes eram afiados. Retinham o que lhes era possível, quase nada. As plantas, libertas de seus vasos de barro, quebrados, e despertadas em verde balançavam: influência da indecisa ventania. Das paredes trincadas o cimento em flocos esfarelava. Úmida e abafada, trameças travadas, chave emperrada, cama enlameada, esperando ansiosa o fim da tempestade, chuva nela, casa, trancada. Tomada pela chuva.

Desprotegida ruindo dentro de si mesma.

¹ Mestranda da Área de Língua e Literatura Francesa da FFLCH-USP e membro do Grupo Criação e Crítica. E-mail para contato: anamelia.coelho@gmail.com

Tinha que anotar alguma coisa, isso é certo. Sempre me ocorre alguma ideia ao sentar na biblioteca, enquanto trabalho, atravessando a rua, de pé no ônibus. E o melhor a fazer é anotar no mesmo instante, para que ela não se vá. Ela está rápida e fresca, acabou de nascer. Essa ideia. O registro de um caminhar necessário: para que tudo começasse a existir, na busca pelo texto que me dissesse tudo e sobre o qual eu fosse levada a tudo dizer, lancei-me numa deambulação por diversos bairros: entre as estantes das bibliotecas, passei sobretudo por romances e contos – em ruas da periferia parisiense à mesma Paris do entreguerras de uma neozelandesa, da Escandinávia ao Oriente e ao interior pernambucano, cortando de trem cidades sem nome e mesmo as invisíveis que tomam nomes de mulheres que tampouco existiram, mas que tomam o rosto de todas as cidades e todas as mulheres. Não se pode esquecer que essa viagem esconde em si alguma obrigação que desconheço, criada por mim, a que me submeto.

Minha cabeça começa a doer, timidamente ainda. O chão está frio, dá para se sentir ranger fortemente os tacos de madeira desse sobrado mal reformado. Resolveram aproveitar o piso antigo, apenas trocaram algumas partes que começavam a envelhecer. O resto uma cerinha uma vez por semana já ajuda. E eu ganho uns vinte minutos de intervalo forçado, dona Gilda me expulsa da sala, não importa a urgência do que eu esteja fazendo no momento: é hora de encerrar. Tomo um café, vou ver o que fazem no térreo.

Outra coisa é certa: tudo o que eu precisava lembrar já esqueci. Esqueci da ideia que tive há tão pouco tempo. E não é ela, justamente? Ela que sempre me foge, sombra que se cola aos meus pés mas que nunca alcanço?

As ideias e as pessoas. Elas me são estranhas, porque são igualmente apaixonantes e da mesma forma se esquivam. Talvez, quanto às pessoas, creio que elas são um pouco mais difíceis. Não faço questão de saber do noticiário e do jogo de ontem, que todo mundo já desistiu de querer comentar comigo. E quando ainda assim tentam puxar papo, a iniciativa sendo não minha, elas vão se infiltrando amistosamente pelo meu confortável silêncio, e quando conseguem ouvir algo de mim, sobre as trivialidades da vida doméstica, se eu faço janta, se descansei no fim-de-semana, se o ônibus dá muita volta, por mais que eu tente me aproximar do que sou, é outra pessoa o que eu respondo. Pode soar aos outros como sendo um pouco do que sou, e talvez eles tenham razão, mas eu não percebo assim. Além disso, respondo o que me perguntam e não faço perguntas, nem repito as que me fizeram; ajo assim sistematicamente. Prefiro ficar alheio à vida dos outros assim como sou em relação à minha. Conto os minutos no relógio para voltar a minha mesa.

Aqui praticamente só eu durante toda a manhã, nesta sala, o que me agrada. Desde as oito da manhã, quando chego, abro as janelas, ligo o ventilador preguiçoso, até depois do almoço. Mesmo que não esteja realmente quente nesta sala, ligo-o porque gosto de vento, mesmo que seja criado por essas pás azuis, de uma tonalidade adormecida pelo pó. Mais interessantes que os ventiladores presos à parede, como este que me faz companhia na saleta de trabalho, são aqueles de chão, mais metálicos, esguios, postura servil e altiva, de uma elegância melancólica toda deles. Como uma cantora de jazz. Pego o trabalho do ponto onde parei um dia antes. Café chega pelas nove da manhã. Tenho que evitá-lo. Meu estômago está tentando me convencer disso.

Pensando sobre sonhos e sobre a ausência de lembrança de alguns, acordei hoje sem me lembrar de nenhum sonho que tive, coisa que não é raro acontecer. Eles só deixaram marcas na areia, que rapidamente vão se apagando. Noutra manhã de sábado saí bem cedo de casa e na rua ia enumerando os sonhos daquela noite. Eram uns cinco! Todos muito cheios de coisa. À tarde eu poderia escrevê-los, se não fosse pelo fato de que eu não tinha mais ideia deles quando me sentei para escrever. Dizem que a melhor maneira de se acordar, para que a lembrança dos sonhos seja respeitada, é sem despertador, o que é difícil no meu caso, sono de chumbo, e porque acredito que não chegaria no trabalho a tempo.

Trabalho com revisão. De livros. Longos livros. Em período integral. Leio páginas e páginas num automatismo impressionante. A ponto de perceber que eles não me dizem nada. Só se mostram em suas imperfeições – grafia, regência, concordância. Nada que vá muito longe disso: memórias, histórias policiais, versos soltos, alguns inocentemente se esforçam para alcançar um lirismo de maior raridade. E por vezes conseguem. Vez ou outra um livro de especialistas em direito tributário. Gosto de lê-los. Quando a urgência para a entrega da revisão se afrouxa, consigo soltar algumas risadas com sutilezas dos autores, um trecho ou outro parece interessante, alguns me dão ideias. E no meio tantas poucas conseguem sobreviver à lata do lixo ou à memória: simplesmente não sei agora o que ia contar.

Consultando um dicionário, coisa que faço mais por prazer que por dever da revisão, apagou-se a palavra que eu procurava. Não sei o que se perdeu na noite dos tempos. Encontrei a noite dos tempos. Nem sei se eu

já tinha ouvido isso alguma vez. Essa expressão: noite dos tempos. Caso sim, a ocasião em que me deparei com ela encontra-se na noite dos tempos. O que quer dizer que se trata de uma coisa tão remota que não se tem registro de como, quando ou onde está a origem, é o que dá para supor a partir de exemplos que existem por aí. Fazendo algumas rápidas pesquisas, deu para ver que é uma expressão mais comum no português de Portugal; dá até para imaginar um sotaque português dizendo: – A paixão do povo lusitano pelo mar perde-se na noite dos tempos... Na maior parte dos casos, a noite dos tempos vem acompanhada do verbo perder. Algo se perdeu na noite dos tempos. O mais interessante dessa expressão é se ficar pensando: afinal, como seria a noite dos tempos? Será que antes os tempos começam de noite e não de dia?

A imagem que me faço do começo é a chuva. Tudo começa com chuva.

E perdida na noite dos tempos da impressão por meios eletrônicos, uma simpática impressora matricial se mudou temporariamente aqui para o meu lado. Na verdade, está em cima do gaveteiro desde o começo da semana. O ponto forte das matriciais são aqueles barulhinhos quando se põem em marcha. Parece que estão querendo nos dizer alguma coisa. Verdadeiras mensagens cifradas. É impressionante como sempre tenho uma impressora matricial por perto nos empregos em pelos quais já passei, o mesmo modelo com algumas variações, tampa branca, fumê ou transparente. Quando não havia no estágio em que eu estava antes, era uma laser de última geração. Ótima para imprimir os trabalhos da faculdade e meus currículos para outras empresas. Em outro emprego além da matricial no térreo eu tinha uma jato de tinta, de temperamento um

pouco agitado. Ela rejeitava *junk food* – era alimentada à sua revelia e por instinto de economia do diretor geral com os já então ultrapassados formulários contínuos! Enquanto que para ela, um equipamento de alto padrão, tratava-se de um ultraje que ela sabia muito bem como revidar, para mim era uma terapia e tanto picotar as bordas furadinhas das folhas antes de colocá-las na impressora. Até que depois de um tempo eu tive de delegar essa atividade a outra pessoa. Pois é, eu estava progredindo na empresa... tinha por algumas horas, depois do almoço, um assistente com quem eu mais perdia tempo tendo que explicar como e porque as notas fiscais tinham que ser separadas por número de pedido enquanto que os boletos por data de vencimento do que se eu fizesse tudo sozinha. Quanto a essa matricial aqui embalando meus pensamentos, daqui um mês ela volta a sua mesa original, deixando um pouco mais de espacinho ao meu redor.

Às precisas dezoito horas a casa tem de ser trancada. O alarme é ativado. Qualquer possibilidade de extensão da jornada de trabalho é eliminada com esse sistema. Ainda está um pouco claro. Decido em dois segundos que subirei a Artur de Azevedo a pé, olhos nas janelas de proporções muito graciosas se acendem uma a uma. Subo recolhendo com os olhos pastilhas, colunas e marquises.

Nesta noite sonhei com a Aline.

Estava querendo saber se eu não havia colocado muito durex na embalagem do presente que ela tinha pedido para eu entregar para a sua mãe. Ela me ligava e insistia no assunto, me dizia que tinha a impressão de que o papel brilhante e estrelado estava cheio de durex. Eu me perguntava: – mas quem se importaria com isso, se

o pacote estivesse com algum durex a mais? No sonho, aproveitei que ela tinha me ligado para ficar ouvindo sua voz de gente grande, ela parecia estar do meu lado. Ela desligou com pressa, e por pouco acordei atrasado.

Agora de manhã, frio, olhando da janela, muitas nuvens. E começou a chover.

Num dia de chuva como esse eu me perdi do meu pai na feira.

Já não lembro de quase nada, estava com a parte do capuz da capa amarela de chuva do meu pai. Ele estava com a capa e o carrinho, escolhendo frutas. Pagou e não me viu mais.

Fui me afastando no sentido contrário de casa, rumo à Martim Francisco. Chuva mansa, as gotas frias sem pressa de chegar ao chão. Lembro bem da fachada do restaurante da Frederico Abranches, um luminoso branco redondo perpendicular à construção de pedras claras. Um biombo de madeira escura com um espelho sempre escondia o interior do estabelecimento, um lugar atípico e frágil frente a dureza dos tempos, as garrafas de whisky nas janelinhas respirando modéstia e gravidade. Nem por isso deixava de ser misterioso, esse restaurante. Lembro de um hidrante na rua. Pensei em incêndio, o perigo de uma criança separada do pai, bombeiros abrindo o hidrante, usando o mesmo capuz amarelo que eu. A água da chuva estava ali para acalantar qualquer aflição, para se misturar com as lágrimas das crianças.

Alguém me perguntou onde era minha casa, a única informação precisa: que era um prédio atrás da igreja. E também, o que não disse a quem me perguntava da minha casa: de largas venezianas verdes puxadas

quando era hora de acordar, o prédio abria as asas de pastilhas brancas em proporções tendendo a dois lados de um quadrado, dominando a esquina com suas colunas marmoreadas, mármore roxo, patas do pássaro com penas de pastilhas, a porta da entrada segurava minhocas gentis como se fosse ouro.

Estava de volta para casa.

E eu estava no trabalho apontando alguns lápis com estilete que até criou uma bolha no dedo devido à falta de prática, talvez, quando todas elas, as coisas, me vieram à mente: faca para fazer pontinha fininha no lápis, apontar dos dois lados, quebrar o lápis para usar a grafite em compasso, pegar miolo de pão e usar como borracha, borracha que se punha na ponta do lápis, normalmente branca ou verde, como a maioria das borrachas, famigerados lápis com tabuada, ameaçadores do decoreba, lápis com casca prateada, um lápis que era todo colorido, com tintas de várias cores misturadas, um apontador redondo enorme que se parecia com outro apontador em forma de capacete de motoqueiro, borracha metade vermelha para lápis e metade azul para caneta que não apaga bem nem lápis nem caneta nem nada, borracha com cheiro, giz de cera naquelas caixinhas, lápis de pedreiro com três lados, caneta bic quatro cores, que deu origem às canetas de vindas de Taiwan com 12, 18, 24, 30 cores, cada cor com seu cheiro correspondente, o que criava um único cheiro mistura de café, laranja, chiclete e abacaxi, canetas grandes que nem cabiam entre os dedos, ficar passando lápis debaixo da carteira para dar uma rápida polida na ponta, tesourinha sem ponta toda de metal que nunca entrava direito na minha mão esquerda, pequena frustração de canhoto, estojo de madeira com divisões para os lápis e outras menores para o apontador e borracha, trocados

pelos estojos automáticos, com vários botões para se abrir o compartimento da borracha, dos lápis, régua e uma lupa, uma muito rara régua cheia de furos e uma rodinha que servia como compasso, sem o perigo da ponta metálica dos compassos, régua com água dentro, os lápis de cor numa caixa com 36, aquele comercial de começo de ano letivo com a música do Toquinho, caderno pequeno brochura com 96 folhas, caderno de caligrafia, folhas de papel linguagem, papel almaço sem pauta, rolos de papel crepom de várias cores para as professoras, folha de papel espelho vermelho com uma tímida margem branca para encapar os livros. AJuntar tudo isso numa bolsa tiracolo azul numa manhã de chuva como esta. Não esquecer as galochas vermelhas. Elas me fazem falta, elas, nas manhã de chuva como esta. Ficava criando quando criança expectativas mil sobre o primeiro dia de aula depois de férias. O horário numa tabela na primeira página do caderno. A sala de aula com as carteiras livres e a possibilidade de me sentar em outro lugar. As pessoas: as mesmas, algumas novas. Coisas diferentes para ver na lousa, nos livros com cheiro de novos.

Choveu muito, e parou.

Continua bem abafado. O céu agora está nublado. À tarde, meio-dia, uma hora, o céu estava muito legal ali na Doutor Arnaldo. Cheio de nuvens. Nuvem é um negócio estranho, sempre achei. É que depois a gente não percebe o pequeno absurdo das coisas, especialmente as da natureza, a de seu planejamento não participamos, muito menos da criação. O que é um monte de água parada no meio do céu, algodão, lençol estendido lá no alto que vai passando com o vento, fica escuro e se desmancha, recortado por descargas

elétricas? Não é porque existe explicação científica que nuvem não deixa de ser estranho.

Antes de sair de casa, num relance, na estante, vi um livro que já comecei três vezes e não terminei. Coleção antiga, ortografia daquele tempo. Encadernação cuidadosa, mais do que muitas reedições, papel consciente da sua gramatura, abandonando-se no fio dos dias em tons amarelados, sobre o qual o texto se dispõe sem parcimônia, com a dimensão confortável aos olhos, a que ele tem por direito. Letras sóbrias na capa, douradas. Não por desinteresse parei nas páginas 38, 57 e 42, mas porque eu tinha leituras demais na faculdade. Resolvi pegá-lo de novo, levar na bolsa vermelha de tom diferente da capa do livro e recomeçar no caminho do ônibus. Quem sabe. Marcando o ponto onde parei na terceira tentativa, uma folha de rascunho de quando trabalhava na produtora. Era um *story-board* de um comercial feito em animação, muito gracioso, de iogurte para crianças. Adorava recolher os retalhos desses desenhos que eram as folhas de rascunho que eu usava no trabalho, onde eu anotava recados. Era recepcionista. Começava de manhã, 7h. Até às 8h30, momento em que realmente as pessoas chegavam e quando o telefone tocava, podia ler o jornal e escrever coisinhas, começos de grandes histórias interrompidas pela campainha do portão, pelo toque do telefone, por um fax ou uma cópia a fazer, como essa que achei nos verso de uns estudos para astronaves marcando a página 42:

Toda essa coisa bem definida, diagramadinha, me atrai bastante. Me faz me sentir mais hoje, mais de acordo. Mas eu acordo e prefiro ser antiga mesmo, ser de papel e capa amarela, aguardando um título em espessas letras pretas. Saborear colinas, beber mar, colher eucaliptos,

abraçar cogumelos úmidos, molhar os pés na nascente, turvar a vista de nuvens que me levam ao mar engolindo vento. Ser acordada por trovões com açúcar nas unhas cobertas de pêlos de castor. Abrir as cortinas por cima da cama desarrumada. Fazer um álbum de mim mesma com recortes que não consigo juntar. A música destampada, com mel nos olhos e fala esganiçada.

Você se engana ao achar que a minha pretensão é pequena.

Assim como o livro a reler, a folha de rascunho e o que escrevi nela é um filme antigo que já vi mas do qual não lembro nada. E que vale a reprise pelo redescobrir.

Eu então dava prosseguimento ao que escrevia às 14h, hora em que eu saía pelas ruas do Alto da Lapa, dirigindo-me ao ponto de ônibus onde servia uma linha que não existe mais – nem a linha nem o modelo do ônibus. Antes que a chuva viesse.

Quinze minutos.

Anda, pois é ela, apressada em meu caminho no corredor lotado, como na galeria em que ela trabalha. Vitrines. Vem, é certo, em minha direção. Como mais ninguém o é. Beijo na bochecha rápido e estalado; dentes, olhos fechados e o perfume dela no fim da tarde. Momento em que libélulas se perdem na sala de aula acreditando tão ingênuas no zumbir dos ventiladores. Comigo fica um pesar quando sucumbem, mesmo tendo sempre medo delas.

E aqui, ela. Ela de repente no meio da conversa estou olhando seus olhos. Olhos que não deixo de olhar. Inevitáveis olhos que me prendem sempre a ela. Não são olhos que me dragam, mas olhos que suspensos no ar em meio às mariposas das lâmpadas fosforescentes

me deixam perdido, atraído por sua luz invisível, incessante calor de quinze minutos. Esquecido de suas palavras pausadas, do leve gaguejar da voz desafinada, das palavras corriqueiras e da sua risada calada ela me leva ao nada. Aturdido, desconcentrado, sem saber a hora da aula, até quando haverá as aulas e os olhos dela. Querendo mais uma vez, mais quinze minutos entre uma aula e outra que me conte mais coisas que não vou muito entender, coisas essas para as quais tenho sempre respostas, as mesmas, vagas. Domino mesmo sem saber a razão, toda a impensada lógica dessas respostas devidamente justificadas. Só fogem de mim eles dois, olhos dela, na fuga de palavras. Não entendo seus olhos, parados em algum ponto lá perdido dos meus. Em que sentido caminham seus olhos, tão parados, mais do que fixos, mais do que arrebatadores, olhos muito dois, tão ali destacados, muito próprios, olhos que são mais do que ela. E não são meus.

E talvez, ou muito certamente aqui, assim frente aos olhos tão cheios e certos dela, ficasse reunidas todas as minhas dúvidas, as mais absolutas. A minha fundamental falta de posição obriga, mesmo não querendo, a ter uma; e assim esta com a qual me exponho aos olhos dela me é indesejável, assim como qualquer outra postura que pudesse tomar.

Respostas inevitáveis, como os olhos, todos os dois. Meu silêncio só existe por conta das palavras que o contornam. Garganta seca. Todas palavras tão todas ocas sentem falta de mim, ao saírem da minha boca ali no corredor pelos olhos dela. Os meus nada mostram disso, mas os olhos dela sim. Nada ocos, escancaram essa falta que eu tenho de mim.

Olhos que devoram todos os quinze minutos perto dela. Olhos ilegíveis como os garranchos que pairam nas linhas de caneta preta nas anotações de aula em meio ao sono das folhas na pasta verde como musgo. Seus olhos não são verdes, azuis nem pretos, são castanho-escuros. Assim escuros não me deixam ver nada. Não vejo seu sorriso cúmplice ou os cabelos que caem como cascata em desalinho, até quando ela os prende atrás dos olhos. Com pressa, os cabelos se soltam quando corre atrás do ônibus quando o vê no ponto. Olhos que me olham de longe ao acenar passando pela catraca são agora dois pontos: um *déjà vu* recorrente, um início de sonho, freada brusca que interrompe o cochilo, olhos escuros que ainda vejo.

Ônibus de noite não leio nada. Procuo no livro aberto os olhos a cada piscada. No vento da janela o calor da noite escura de seus olhos em que não vejo nada. Um nada cheio de tantas coisas que não sei, de todas as mil e uma perguntas mal formuladas, esquinas desconhecidas, pessoas pela catraca. Pelas mesmas quadras e conversas breves e obtusas chego em casa. De quinze em quinze minutos. Seus olhos mais nada.

Isso já aconteceu.

E por que isso acontece? É quando eu fico muito perto de mim? Ou são somente alguns fatores que sempre se repetem, situações que provocam o mesmo tipo de reação da minha parte? A mesma reação que se cria no fundo? De onde vem esse isolamento? Sou eu que o faço? Se eu nem sei definir, se é muito doce, muito claro, se só parece um desenho, se é porque eu quero ficar longe, se tudo para mim sempre será estranho mesmo depois de anos? Porque senti um certo incômodo em

encarar o que eu já conheço, o que sei, com o mesmo gosto? Será eu ou é a falta de mim?

Era o centro de São Paulo ou Curitiba. O eu era um repórter, daqueles de épocas antigas, de chapéu e terno escuro, que andava pela cidade em busca de notícias – os repórteres antigos faziam isso?

Dois prédios começam a pegar fogo. Chegam bombeiros, um deles se fere lá em cima e se joga, cai em cima de umas lonas na calçada e aparentemente se salva, mas acho que ele nunca teve as pernas. O prédio está destruído, sobram as estruturas principais, carbonizadas. Seria demolido naquele momento.

Saí correndo até minha casa – e nessa parte a cidade parecia o centro de Curitiba – buscar a máquina fotográfica, registrar os últimos instantes daquele prédio, os feridos do incêndio. Afinal, era um repórter. Como era um sonho – eu tinha mais ou menos consciência disso naquele momento – eu abreviei minha ida, dando cortes nas imagens em que o repórter corria e buscava a máquina, deixando partes que dariam suspense à ação. Nessa hora o sonho podia ter se tornado lúcido, mas talvez melhor ter continuado a ser só um sonho.

Já aconteceu, isso.

O que pode estar acontecendo agora é simplesmente o começo de uma história, pelo menos, de algo completo, único em si mesmo, pronto, acabado, com começo, meio e fim. Não se trata por isso de um exercício de memória, mas de algo que lhe sucede, ou mesmo antes lembranças de algo que ainda virá: o relato das tentativas de alcançar o inalcançável.

O sabor sem par de construir castelos de areia, ofertados de coração aberto à praia, que serão graciosamente destruídos logo em seguida.

Sem o sobrado da Irmão Lucas ficamos sem escadas para descer e subir com barulho, sem a vitrola que era enorme e onde vovó gostava que meu pai tocasse Milton Nascimento e Supertramp. Ele também colocava Beatles, Elis e Eric Clapton e dançava alternando de lado as palmas da mão nos joelhos semidobrados. Ficamos sem ruas de paralelepípedo, sem quintal que tinha sido o quintal de se cortar massa para macarrão e deixar secar no varal, de crescer pinheirinho de natal para usá-lo no outro ano, de se encher piscina de plástico a sopro de cinco crianças, todas elas pulando no meio da água e da piscina pequena para todos.

Estávamos agora num apartamento de dois quartos. Já começamos a incomodar os vizinhos com nossa bagunça e barulho. A mais afetada era a vizinha de baixo, Sílvia, loira, magra, muito branca. Hoje vejo que ela mentia a idade, tinha mais de trinta anos. Mas isso para nós não importava. Morava sozinha, às vezes alguma amiga alugava um dos quartos do apartamento que tinha uma sala duas vezes maior do que a nossa. Dava aulas particulares de inglês, cobrava em dólar. Quando ela tocava piano a gente encostava a orelha no chão.

As crianças traquinas não apenas a incomodavam, como eram uma boa maneira de atenuar sua eventual solidão. Ela nos chamava para ouvir CDs, uma grande novidade para nós, que estávamos com os vinis guardados por falta de toca-discos. Como era um som claro, aquele ruído quase imperceptível do laser lendo o disco de cor prata, no qual a gente não podia encostar o dedo. Mas podíamos nos balançar na rede até ficarmos

enjoados, conhecer alguns namorados e amigos dela, ficar olhando seu peixinho beta, ajudá-la nas compras do supermercado e ganhar algumas goiabinhas e doces de feijão japoneses, horríveis. Nunca gostei de feijão. Também nos dava alguns presentes nos aniversários e no Natal, além de bilhetinhos deixados na porta lembrando o quanto era importante e como ela gostava que fizéssemos silêncio.

Com o passar do tempo, nos tornamos típicas crianças de apartamento. Impedidos de correr e pular dentro de casa, íamos à Praça Buenos Aires, à Marechal Deodoro. As idas à piscina do Palmeiras cessaram, cada vez mais difícil pagar as mensalidades, o título ficou suspenso desde então.

Essa época era das mais tranquilas. Tinha um dia-a-dia ligado diretamente à escola e à minha casa, e pouco mudava nisso, alguns passeios e pouquíssimas viagens nas férias. Nem por isso sentia monotonia ou tédio. Aprendi a aproveitar os momentos de televisão desligada, o jornal que meu pai comprava, as idas aos concertos no Memorial toda segunda-feira à noite. As pessoas que iam ao concerto achavam adorável que uma criança de sete anos apreciasse com o pai a orquestra e a música clássica.

Gostava de quando, antes de começarem a tocar, os instrumentos eram preparados, havia um burburinho, gente tossindo – ficava em silêncio, deixando tudo aquilo me rodear o quanto mais pudesse. Um dos violinistas se levantava e puxava o coro rápido dos instrumentos de corda.

E se não fosse assim?

Será que por caminhos diferentes terminamos no mesmo ponto de onde partimos?

Minha bolsa é marrom. Carrega tudo o que eu mais necessito: meus ombros, minhas pernas, meu coração. Ficam todos apertados, cada um em seu lugar, acomodados. Vivem todos em conflito harmonioso, sinfonia esquecida. Quem a vê parece saber o que trago: força, pressa, carinho. Concluem também, mesmo não sendo transparente, a finalidade e o fim dos objetos a quem tudo quero entregar. Ombros, pernas, coração, dotados de vontade própria, em unanimidade: conformação, rumo, descanso.

Chego a ter certeza que minhas maiores dúvidas existenciais já foram resolvidas. As respostas todas ditas, as soluções encontradas, os cálculos efetuados, as probabilidades levadas em conta, as conclusões terminadas. As brigas familiares, as querelas entre amigos, as disputas profissionais, tudo habilmente encaminhado na direção de um pacífico convívio. Os projetos já finalizados, cumpridos, aprovados com louvor. Já sei de tudo, mesmo sem saber de nada na verdade. Está tudo ali, bem claro quando a gente se vê o escuro com os olhos abertos. O lapso de segundo que me separa disso é tão fino, esse frágil segundo, do qual nada fica depois, que consegue ser tudo o que já foi num pedaço de papel. Em vários deles, papéis encadeados, ordenados em fila indiana, o livro que eu quero escrever e não deixou de ser um começo.